Prefácio

O excelente jovem a quem foram dirigidas, há dez anos, as cartas sobre o Sinal da Cruz e, mais tarde, sobre a Água Benta, pede-me hoje outras sobre o Ângelus.[12]

Longe de se moderar com a idade, sua curiosidade vai-se tornando cada vez mais viva. É, aliás, o caráter do verdadeiro sábio: quanto mais sabe, mais quer saber.

Como os verdadeiros sábios são quase tão raros quanto os cisnes negros, importa mais do que nunca secundar os que trabalham para vir a sê-lo, sobretudo na ordem religiosa.

Já se disse, e nada é mais verdadeiro: *Um pouco de ciência afasta da religião; muita ciência a ela reconduz.* A ignorância e a mentira são os inimigos natos do cristianismo. Para lhe votar fé e amor, basta conhecê-lo. Sua história é sua apologia. Apresentadas sob a sua verdadeira luz, todas as suas obras se justificam por si mesmas: *Judicia Domini vera, justificata in semetipsa*.[34] Possa este modestíssimo opúsculo ser disso uma nova prova!

Contudo, satisfazer a louvável curiosidade de um jovem sábio não é o único objetivo destas cartas. Pode-se suspeitá-lo só pelo título de nossa correspondência: o Ângelus no século XIX.

Esse título se justifica pelo estudo das seguintes questões: que lugar ocupa o Ângelus no século XIX? É conhecido? É rezado? Importa muito ao século XIX conhecê-lo e rezá-lo? Como conservar ou restabelecer-lhe a prática?

Do exame desses diferentes pontos de história religiosa e social ressaltará, ousamos esperá-lo, a oportunidade de nosso trabalho. Ficará bem estabelecido que a recitação do Ângelus, no século XIX, está na ordem do dia.

De um lado, é um protesto público e cotidiano contra o naturalismo, que nos degrada e nos conduz à barbárie. De outro, insere-se, mais do que nunca, no movimento prodigioso que, de alguns anos para cá, leva o mundo católico aos pés da augusta Virgem, cuja eterna missão é esmagar a cabeça da serpente.

Se Deus se dignar abençoá-la, esta terceira correspondência, complemento das duas anteriores, contribuirá, esperamos, para repor em honra as três práticas seculares que, em razão de seu uso frequente, são como a respiração sobrenatural da humanidade: o Sinal da Cruz, a Água Benta e o Ângelus.

É a única recompensa que ambicionamos.

Notas

[1] Composto de trinta e uma cartas, o Ângelus pode servir de leitura para o mês de Maria.

[2] N. do T.: A obra traz, na verdade, trinta e duas cartas; a última, a «Trigésima segunda», é o fecho de toda a correspondência.

[3] Sl 18, 10.

[4] N. do T.: «Os juízos do Senhor são verdadeiros, cheios de justiça em si mesmos» (Sl 18, 10).

Revision #1
Created 28 November 2026 13:46:51 by Admin
Updated 28 November 2026 13:46:51 by Admin